In Totum
Periódico de Cadernos de Resumos e Anais da Faculdade Unida de Vitória

DISCURSOS RELIGIOSOS LIBERTAM OU ESCRAVIZAM A MENTE?

Mônica Conte Campello[*]

As religiões com seus discursos que as tipificam em suas classificações, se preconizadoras da verdade ou da "necessidade do ventre", respectivamente detêm o poder de libertação ou de escravização. Concernente à primeira, o seguidor em sua estrutura tríplice de corpo, alma e espírito – o que Anacleto (2009) assevera e comprova biblicamente (1 Ts 5:23) em sua abordagem acerca da tricotomia humana –, busca elevar seus pensamentos, sua personalidade, aprimorar-se como ser humano que deseja encontrar valores perdidos como dignidade, virtudes, etc.; manter contato com o mundo visível e com o invisível; quanto à segunda, todos os valores são esquecidos, e seus anunciadores não fazem a mínima questão de lembrá-los a seus seguidores, pois isso caotizaria o desenvolvimento de suas falácias sofísticas e conquistas equivalentes.

> O homem, por mais natural que seja, é dotado de espírito o qual precisa ser alimentado, assim como o corpo; caso contrário, perece. Urge saber que tipo de alimento está sendo ingerido: possui todos os ingredientes necessários para prover saúde espiritual, emocional, psicológica, moral, além da física? Ou serve apenas para causar uma sensação momentânea de bem-estar do corpo que logo após precisará ser reabastecido por não fornecer os elementos essenciais que proveem a energia desejada? Essas são perguntas que normalmente não se fazem ao visualizar e ler certas mensagens, pois são tidas por providenciais num momento de carência qualquer que seja. Assim, elas são absorvidas pela visão, pela mente e pelo coração como se fossem uma panaceia.[1]

Uma alma sequiosa normalmente encontra-se em estado de vulnerabilidade, e, por isso mesmo, predisposta a se deixar levar por discursos promitentes, mensagens de autoajuda, textos mistos carregados de temas filantrópicos, etc., em um mundo onde todos se mostram cheios de sabedoria, mas ironicamente dotados de contradições porquanto falantes não-praticantes dos próprios argumentos que preconizam e ensinam.

Esses meios adotados por uma diversidade de autores/pregadores induzem o leitor/visualizador/ouvinte "a rever seus pensamentos, pois automaticamente tocam o ser, mexem com os brios, sacodem a mente, causam um rebuliço espiritual, estimulam a tomada de decisões, provocam uma introspecção"[2] que favorecem o surgimento de um desejo de melhora e de mudanças que resulta na ação de desfazer-se de todo lixo ontológico agora descortinado. Contudo, prevê também que mudanças para melhor implicam muitas vezes em perdas ou desistências para as quais a pessoa não está preparada, e isso a remete a uma luta ainda mais intensa, pois as frases espetaculares podem até direcionar à origem do problema, mas normalmente não conseguem prover aquela solução almejada.

Dessarte, presa à esperança de se livrar do que lhe aprisiona a mente ou o coração, acaba se tornando presa fácil de manipuladores da mente cuja dialética sugestiona sorrateiramente sua dependência deles. Esses, por sua vez, costumam-se encontrar em organizações religiosas de

---

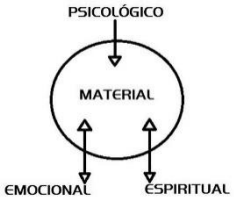
[*] Seminário Temático: "Religião, Discurso e Poder" referente ao VII Simpósio do Mestrado em Ciências das Religiões. 2017/1, sob a responsabilidade do Prof. Kenner Roger Cazotto Terra. Mestrado Profissional, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória. 19/05/2017. mococa@terra.com.br.

[1] CAMPELLO, Monica. *scr@ps.com.JC*. p. 19, 20.

[2] CAMPELLO, Mônica. *scr@ps.com.JC*. p. 21.

cunhos diversos que apregoam doutrinas estranhas que incitam o seguidor a atitudes errôneas e nocivas para o seu bem-viver em família ou sociedade porquanto suas necessidades emocionais, espirituais, materiais ou psicológicas sendo satisfeitas ou não ocasionam reações que geram resultados respectivamente positivos ou negativos que acabam interferindo em suas atividades no tocante à sua esfera corpórea, estendendo-se a um nível fisiológico ou comportamental.

> Ou seja, o emocional vai bem quando há uma reciprocidade de sentimentos nos relacionamentos ou vai mal quando da inexistência dessa manifestação, resultando respectivamente em bom humor ou mau humor. Essa disposição de ânimo influencia o estado espiritual de modo que sua energia seja fortalecida ou enfraquecida. O estado material, por sua vez, capta essa energia e se concretiza por meio desses abstratos – emocional e espiritual – aos quais se opõe por natureza, mas ao mesmo tempo os sustenta através de circunstâncias anímicas.[3]



No sistema religioso, o seguidor não precisa de cérebro; ele tão somente precisa aprender a depender da dialética nociva de seus algozes que normalmente se utilizam de alguma fonte de autoridade concernente à questão da fé – bíblica, mântrica, esotérica, etc. – para respaldar seus argumentos sofísticos que induzem os seguidores, fiéis ou simpatizantes, ao fanatismo como resultado da perda da razão. Portanto, nesse sentido, questionar os acontecimentos no ambiente religioso, seja de que ordem for, equivale a pôr em dúvida a voz do homem de Deus, do profeta fundador, do anjo da igreja, do sábio guru, do sacerdote, o que contraria o princípio da liberdade religiosa ou de expressão que garante o direito à aquisição do conhecimento respeitante àquela organização e seu *modus operandi*, ou, simplesmente, o mínimo de conhecimento acerca do que recebe como doutrina de modo que possa analisar, debater, investigar, interpretar, a fim de ser capaz de proceder a práticas inteligíveis e não robotizadas, e cujas teorias sejam verdadeiras e dignas de aceitação. Em oposição aos argumentos dos manipuladores da fé, o fato de se questionar acerca dos acontecimentos, orientações e ensinamentos no ambiente religioso pode servir para edificar a mente no sentido de um aprendizado útil e eficaz:

> Levando-se em conta que 'questionar algo' tem significado diferente de 'questionar sobre algo', já que a primeira expressão denota a idéia de 'pôr em dúvida' (a veracidade de algo), e a segunda expressão denota a idéia de 'indagar', 'procurar saber (mais)', entende-se que o modo como se emprega o verbo é de suma importância para levar ao fim desejado. A mudança da transitividade do verbo 'questionar' leva a significados diferentes que denotam intenções diferentes, respectivamente intenção de duvidar e intenção de indagar. Logo, precisa-se estar cônscio sobre o tipo de questionamento que se quer levantar – uma dúvida mal intencionada ou o sincero desejo de um aprendizado mais acurado (*sic*).[4]

Aprender algo é diferente de seguir algo cegamente sob obediência imposta e não espontânea. Falsos líderes, falsos profetas, falsos mestres, falsos pastores, intimidam seus seguidores de tal maneira que esses temem questionar as ações daqueles, por mais que evidenciem suas falcatruas ou mercenarismo, e, por isso mesmo, nem têm interesse em questionar sobre seus ensinamentos. Assim, mantêm-se escravizados em suas dúvidas em meio ao temor de serem hostilizados ou repudiados das respectivas instituições que se lhes impõem como necessárias provocando uma relação de dependência. Jogam suas redes entrelaçadas de argumentos falaciosos, tanto no espaço físico quanto no virtual, e pescam pessoas carentes em diversos aspectos, aproveitando-se de suas necessidades, que jamais serão satisfeitas, como uma força inerte que as

[3] CAMPELLO, Mônica. *Sexo com Deus.* p. 113.
[4] CAMPELLO, Mônica. *S.E.I.T.A.S.* p. 148.

mantém presas àquela condição e àquele lugar. Como peixes famintos atraídos por iscas que acabam matando-os, elas são engodadas por falsas promessas que nunca se cumprem, mas através de uma insistente esperança acabam matando a própria razão o que as destitui do imprescindível discernimento moral e espiritual capaz de libertá-las da lei da atração desenvolvida pelos inúmeros movimentos ou princípios organizacionais daquelas instituições.

Normalmente, um traço marcante nesse meio são os "fogos de artifícios", i.e., as grandes campanhas sociomidiáticas que garantem número significativo de encarcerados espirituais que contribuem cegamente para seus fins lucrativos não declarados; os megatemplos com seus sacerdotes, bispos, apóstolos, líderes, guias, donos da verdade absoluta, que se colocam em pé de igualdade com os seres espirituais que reverenciam ou idolatram ao atuar como seus porta-vozes, mas se metamorfoseiam em protótipos da humanidade, transformando-se eles próprios em ícones de idolatria, homens sem máculas, perfeitos. Adotam uma postura de santo dos santos, sábio dos sábios, mestre dos mestres, cuja instituição é a única garantia de salvação, de prosperidade, de curas, e benefícios afins para seus pobres adoradores que vivem sob a servidão dos próprios problemas insolúveis e dores incuráveis do corpo e da alma.

O que é a religião, então? Qual o verdadeiro sentido dos seus discursos ou sermões se não o de oferecer o consolo buscado por um sem-número de pessoas? A questão mais importante envolvendo o discurso religioso para que não se torne vazio e sem efeito para o que foi destinado é ir além da mera capacidade de controlar as contingências aflitivas, mas oferecer as condições mínimas e necessárias para suportá-las enquanto não podem ser erradicadas.

> A religião se situa em meio aos sistemas de interpretação que procuram o sentido e a estabilidade do mundo. Sua função consiste – dirá Habermas citando a P. Berger – em evitar o caos e dominar a contingência. Mas neste momento da evolução social há vários sistemas de interpretação cognitiva do mundo que tratam de dominar as contingências. A religião, portanto, é substituída frequentemente com eficácia por diversas visões científicas, ideologias e modos concretos de integrar as ameaças à existência humana.[5]

Um seguidor de uma religião ou movimento religioso ou sociedade filosófica, sofre o risco de não poder se livrar de suas mazelas psicoemocionais ou espirituais e acabar somatizando-as ao buscar o auxílio dessas entidades quando o que elas têm a oferecer se resume meramente em: a) mensagens de autoajuda baseadas em verborragias inócuas porquanto baseadas tão somente em um vocabulário específico adaptado às suas tendenciosidades, mas sem o direcionamento necessário para ações pertinentes quanto ao objetivo proposto – teoria desprovida de aplicação prática; b) sermões copiados de experiências de terceiros, e, portanto, destituídos de valor empírico pessoal cujo orador, todavia, manifesta uma autoconfiança quanto ao seu poder de retórica para persuadir os seguidores a permanecerem fiéis; c) preleções de cunho meramente mercenário porquanto isentas do interesse de instruir seu público-alvo sobre como dominar o absurdo das contingências, mas cujos preletores têm o interesse em não lhe apresentar soluções a fim de garantir a sua assiduidade pela busca da orientação libertadora que envolve verdades e coisas certas – aquela que atinge o âmago da existência individual no que tange à (origem da) sua enfermidade, quer seja moral, psicológica, emocional, espiritual, física.

Somente no sentido da verdade experimental um discurso religioso pode ser eficaz no combate às dores universais. É mister que seja dotado de poder persuasivo – não pelo interesse egoísta de convencer, mas – pela experiência de seu locutor quanto às reais transformações que vivenciou antes de subir a um púlpito ou a uma tribuna. Só esse tipo de discurso pode libertar da escravidão da mente, do corpo e do espírito.

REFERÊNCIAS

[5] MARDONES, José M. *El Discurso Religioso de la Modernidad: Habermas y la religión.* p. 33. Tradução por Mônica Conte Campello.

ANACLETO, Waldecir. *A Psicanálise e a Religião: inimigas ou parceiras*. 1ª ed. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2009. p. 82.

CAMPELLO, Mônica. *S.E.I.T.A.S.*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Mônica Conte Campello, 2010. 224 p.

CAMPELLO, Mônica. *scr@ps.com.JC* , 1ª ed. Rio de Janeiro: Mônica Conte Campello, 2013. 310 p.

CAMPELLO, Mônica. *Sexo com Deus.* 1ª ed. São Paulo: All Print Editora, 2015. 171 p.

MARDONES, José M. *El Discurso Religioso de la Modernidad: Habermas y la religión*. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; México: Universidad Iberoamericana, 1998. 295 p.